

A SECA NOS ATALHOS DA ORALIDADE*

Kênia Sousa Rios**

De certo modo, acho que sempre escrevemos sobre algo que não conhecemos, escrevemos para dar ao mundo não-escrito uma oportunidade de expressar-se através de nós. Mas, no momento em que minha atenção vagueia da ordem estabelecida das linhas escritas para a complexidade mutável que nenhuma frase consegue apreender totalmente, chego quase a entender que além das palavras há algo que as palavras poderiam significar.¹

Apresentação

O dilema de ter que transpor ao mundo da escrita o universo da oralidade tem tirado o sono de muitos historiadores que se lançam aos desafios colocados pela história oral. A fala acompanhada dos gestos, do corpo, dos olhares, mobiliza inúmeras idéias de como apresentar na forma mais inteira possível os sentimentos que atravessam o depoimento.

A intenção desse texto é, portanto, compreender as raízes culturais da dinâmica social e histórica de três sertanejos que vivenciaram as agruras da seca de 1958 e, hoje, moram na cidade; interpretar seus modos de vida pelo que a própria fala captura; problematizar as nuances dessa voz e nela perceber o múltiplo na experiência desses ser-

* O texto foi elaborado a partir de reflexões feitas no seminário temático de História Oral ministrado pela professora Yara Aun Khoury e Seminário Avançado I, ministrado pela professora Maria Odila Leite da Silva Dias. Trata-se de uma abordagem que enfoca algumas questões da pesquisa *Engenheiros da Memória: a experiência narrada das secas de 1932 e 1958*, orientada pela professora Denise Bernuzzi Sant'Anna.

** Mestra e doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1 Ítalo Calvino, "A palavra escrita e a não-escrita", em Ferreira, M. M. e J. Amado, *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

tanejos que enfrentam, ao seu modo, a luta pela sobrevivência na cidade grande. A fala como ato que constitui os sujeitos nos remete ao entendimento das relações históricas que explicam as formas como esses personagens se colocam diante da vida.

Essas três narrativas se formam em eixos que apontam significativos elementos da cultura sertaneja sem, no entanto, perder de vista a diversidade composta pela experiência singular dos depoentes na forma como enfrentaram a seca e como enfrentam a vida na cidade de Fortaleza. A trajetória de cada um contorna determinadas memórias sobre as estiagens bem como sobre o cotidiano de luta em que se inserem singularmente. Nosso desafio se conforma na tentativa de compreender essas vidas pelo que a fala traz no dito e no não-dito, além de interpretar essas complexas ligações e desenhá-las no limitado mundo das linhas e letras.

* * *

O ano de 1958 foi, para D. Sebastiana, um marco na história de suas agruras. Em maio, o patrão chamou seus empregados ao pátio da fazenda e avisou que a seca tinha sido declarada². Todos deveriam tomar seu rumo, pois não havia mais trabalho naquelas terras. Entre os empregados estava o pai de D. Cezita (como gosta de ser chamada). Seu pai era um ótimo empregado – ressalta ela – mas assim como os outros foi dispensado. Toda a família arribou em busca das frentes de emergência organizadas pelo governo.

As famílias costumam trabalhar nas frentes de serviço durante toda a seca e, quando termina a estiagem, muitas vezes, retornam para o trabalho com os antigos patrões. Os casebres de palha cobertos com palha ou telha de barro ficam à espera de um possível retorno. Mas, no caso da família de D. Cezita, não houve volta. Durante a seca de 1958, D. Cezita trabalhou em várias casas, como empregada doméstica. Ela conta que tinha uns nove anos, mas nesta idade as meninas no sertão já conhecem e executam toda a lida da casa, inclusive cuidar de irmãos mais novos. Essas filhas mais novas, que em nada ajudariam nas frentes de serviço, eram entregues às famílias dos fiscais e administradores das obras para ajudar nos trabalhos domésticos.

2 Normalmente, a seca é considerada declarada quando, depois do dia 19 de março (dia de São José), não começou a chover. O governo, então, começa a organizar as obras de emergência.

Em pouco tempo, D. Cezita apartou-se de sua família para trabalhar numa dessas casas. Todavia, o resto da família não foi muito longe. Os muitos deslocamentos que ela e sua família fizeram não ultrapassaram as fronteiras do sertão cearense. Somente em 1979 D. Cezita veio morar na capital, onde continuou o seu ofício de diarista. É o que sabe fazer, mas, segundo ela, ninguém faz melhor.

Na sua narrativa, os primeiros meses do ano de 1958 foram abordados com menos detalhes, entretanto D. Cezita não deixou de ressaltar cada mês, na proporção de sua importância. Lembrou os meses de março e abril, que já anunciavam as angústias de mais uma seca, mas foi principalmente no mês de maio que deteve maior atenção. Em maio, a família lançou-se aos caminhos empoeirados do sertão em busca de sobrevivência. Dona Cezita lembra o quanto isso foi triste. Contudo, essa lembrança tornou-se mais dolorosa quando relatou a saída da escola em que havia sido matriculada pela primeira vez, justamente naquele ano. Sua voz trêmula sinalizava o principal ônus daquela seca na sua vida: *“fui obrigada a sair do colegozim que eu ia lá. Como se diz, era uma professorazinha que pagavam e quando chegasse o outro ano ela ia me botar no Patronato. Mas como o papai foi obrigado a sair pra rodamem...”*.

O modo reticente e sofrido com que abordava esta temática levava-me a algumas interpretações: teria encontrado uma boa justificativa para me apresentar pelo fato de não ter estudos. Eu era a *doutora* que se apresentava diante dela. Afinal, o que uma *doutora* poderia querer com uma pessoa que não estudou? Certamente, esta condição a incomodava muito. A temática da falta de estudo surgiu diversas vezes nas suas memórias da seca.

Numa segunda entrevista, D. Cezita deu-me pistas para entender que não era apenas a minha condição de letrada que a deixava tão preocupada em justificar sua condição de analfabeta. Evidentemente, esse dado reforçava o assunto, mas sua história de vida como diarista arrastou-a para uma convivência com pessoas alfabetizadas. Ainda quando morava no sertão, seus patrões, de alguma maneira, apresentavam-na um mundo letrado. Eram políticos poderosos na região. Chegando à cidade, onde continuou com o ofício de diarista, permaneceu encontrando cotidianamente pessoas que “falavam bonito” com os “ss e os rr”. Conta com estranho orgulho que encontrou e encontra muita dificuldade em resolver problemas em instituições públicas como, por exemplo, a aposentadoria para os seus pais ou uma consulta para a filha doente. Entretanto, basta que apresente um papel assinado pelos “doutores” que são seus patrões e “já tá tudo resuvido”. Arremata com veemência: “saber é poder, minha fia”.

Sua trajetória de vida colocou-a no limite entre as humilhações pelas quais passa uma pessoa analfabeta e o entendimento de um respeito maior para com o mundo dos letrados. Assim, as lembranças da seca carregam o pesado fardo daquele dia em que ela não pôde mais estudar. Contudo, jamais saberemos se o doloroso dia do abandono dos estudos foi durante a seca. O certo é que as dores da seca se misturaram a essa dor. Era como se tivesse conseguido recriar, por alguns instantes, o sentimento desse dia. Ou melhor, D. Cezita recria a angústia desse fato entendendo a difícil tarefa de lutar pela vida, sem estudos. Tais lembranças, trazidas pela memória, encontram ressonância no agora, e o acontecimento é revivido dentro de certas circunstâncias. A dor é transportada para um sentimento atualizado: “*num fosse tudo isso, hoje podia me chamar de doutora Cezita*”. Sua voz e corpo esbravejavam, dando o contorno necessário a tamanho lamento. Nesse momento, ela constrói uma interpretação própria da sua condição de marginalizada e explorada. Sua entonação expressa um sentimento de revolta diante da sua vida de analfabeta. Afirma que não foi falta de vontade. A vida lhe negou esse direito e hoje não pode ser chamada de doutora, mas suas filhas podem. Conseguiu criar sozinha e formar suas filhas.

No Alto da Paz, periferia de Fortaleza e lugar onde mora D. Cezita, nota-se uma certa valorização da educação escolar. Em dias de matrícula, as mães dormem em frente à escola para conseguir matricular seus filhos. Formam filas imensas para garantir as vagas necessárias. Consideram importante o ensino básico, ou seja, até a 4ª série primária. Com essas noções básicas das letras e dos números – que, aliás, chamam também de letra – já podem conseguir algum emprego, escrever e ler cartas que chegam dos parentes distantes. Alguns concluem o primeiro grau, poucos chegam ao segundo grau e quase nenhum entra na universidade. Tão logo conseguem algum trabalho já abandonam a escola. A exigência dos pais de que os filhos freqüentem a escola também limita-se a esse dia. O emprego é prova de que não há mais a necessidade do estudo. Já pode ajudar no orçamento da família e isso é o mais importante. Mas no sertão, sobretudo na época da infância de D. Cezita, é difícil imaginar esse tipo de preocupação por parte de seus pais. No entanto, seu desejo de ter estudado, alimentado também pelas condições de enfrentamento diário com os letrados, constrói uma memória absolutamente verdadeira sobre as dores da sua infância e da sua vida no momento presente.

O trabalho de diarista ou empregada doméstica estabelece uma proximidade maior entre patrão e empregado. D. Cezita conhece quem lhe paga mensalmente o ordenado, sabe coisas íntimas da vida dessas pessoas, conhece mais de perto a vida material do patrão: o que comem, o que vestem, o que bebem, para onde saem. Nota-se, em alguns

momentos, que ela tenta imitar ainda que precariamente a vida dos patrões. Ela cria uma cachorrinha que leva mensalmente ao veterinário e compra rações caras. Seus utensílios domésticos, também imitam ou, às vezes, são legítimos produtos facilmente encontrados na casa dos ricos. Sem dúvida, os patrões, além de todos esses utensílios e bichinhos domésticos, também estudaram. Aliás, na interpretação de D. Cezita, eles têm tudo isso porque estudaram. As humilhações que sofreu e sofre têm a ver sobretudo com a falta de estudos. Mas D. Cezita se destaca do restante das mães cujos filhos quase não estudaram. Sua casa é uma espécie de biblioteca comunitária. Em geral, as pessoas do bairro procuram os livros de suas filhas para resolver problemas passados pelos professores. É constante a solicitação de enciclopédias ou outro material de estudo na casa de D. Cezita. Ela investiu pesado na educação de suas filhas. Adquiriu, a duras penas, um vasto material didático: coleções temáticas, enciclopédias de vários títulos, entre outros livros doados por seus patrões.

Todavia, o trabalho de empregada doméstica, iniciado tão cedo, afastou-a de uma escrita formulada por seus próprios punhos. Seu primeiro emprego fora de casa foi na residência de “Seu Zé Nobre, casado com D. Júlia, irmã do cumpade Zeferino”. A narrativa de D. Cezita é recheada de nomes. Cada personagem é citado em meio a uma gama de parentes conhecidos pela narradora. As relações de parentesco, os nomes e sobrenomes constroem uma certa ordem para essas memórias, bem como para o espaço ou, melhor, território do sertanejo. A identificação dos indivíduos se liga intimamente ao seu sobrenome. O sujeito situa-se em determinada família e isso o torna mais ou menos aceitável pelo grupo. As relações de trabalho são também envolvidas pelas ligações de parentesco. Cada fazenda forma uma “grande família” na qual patrões e empregados constituem laços familiares pelas relações de compadrio. Essas famílias poderosas disputam também espaços políticos, e é importante identificar que família cada indivíduo apóia durante as campanhas eleitorais. Isso depende muitas vezes do número de favores que cada uma dessas famílias poderosas já concedeu ao indivíduo e sua família. Muitas vezes, um só favor deixa o sujeito grato pelo resto da vida; toda a família também toma para si tal gratidão. Os mais pobres entendem essa gratidão como a obrigação eterna do voto. Obrigação a que demonstram ser bastante fiéis, pelo menos até o dia em que o rico negar um pedido.

É constante a referência à estrutura familiar dos sujeitos implicados na narrativa. Para D. Cezita, assim como para muitos outros depoentes, não é suficiente citar seu Zé Nobre, é necessário situá-lo numa determinada família para fazê-lo ganhar sentido como

personagem da sua narrativa, em que as palavras são vivências concretas. Como ressalta Bakhtin, as variações estilísticas da fala devem ser compreendidas a partir da sua natureza social e não (apenas) individual.³

Na capital, fica mais difícil estabelecer laços tão próximos com os políticos ou patrões. Entretanto, há tentativas de construir certas relações de troca. Não só na compra e venda do voto, como também solicita-se constantemente de alguns políticos dinheiro para comprar remédios, resolver problemas jurídicos, bolsas de estudo, empregos. Não obstante, o sentimento de fidelidade e gratidão é, em certo sentido, muito mais diluído. O controle sobre o indivíduo que cada família apóia não tem como ser administrado. Diferentemente do interior, onde as disputas geralmente se limitam entre dois ou três candidatos, na cidade há um número muito grande de candidatos e políticos, o que torna possível ser beneficiado por vários deles e muitas vezes não votar em nenhum.

Mas os ocupantes dos bairros periféricos de Fortaleza tentam recriar certos elementos da vida no sertão, e um deles, que aparece destacadamente, é a criação de laços de parentesco entre os moradores. No interior do Ceará, os vizinhos, ainda que distantes, são quase todos membros de uma mesma família. Nesses bairros, as pessoas se cumprimentam como compadre José, comadre Maria, prima das Dores. Mesmo que não pertençam à mesma família ou seus filhos não sejam afilhados desses “compadres”, organizam-se rituais em que as pessoas, durante algumas festas, sob a bênção de determinado Santo, passam a exercer fortes relações de parentesco. Por exemplo, nas festas juninas ao redor da fogueira as pessoas dizem versos, trocam abraços e pulam o fogo para serem membros, a partir daquele momento, de uma mesma família.

Além disso, raramente um indivíduo migra sozinho para a cidade; normalmente vem uma família e logo em seguida manda-se buscar a família de irmãos, primos, tios. Num mesmo bairro, nota-se, muitas vezes, que a maioria dos habitantes tem raízes em quatro ou cinco sobrenomes. Este é um dos elementos da cultura que marcadamente se transporta do campo para a cidade, produzindo novas relações, mas com base numa tradição. A forma como essas famílias vivem na cidade não recupera nem reproduz a

3 As lutas pelo poder político no sertão utilizam-se fortemente das relações de parentesco. Nos depoimentos coletados, essa marca é significativa. A presença dos nomes exatos situados dentro de uma estrutura familiar não é aqui compreendida apenas como recurso estilístico do texto, que nada diz sobre a experiência cultural desses sujeitos; ao contrário, procuramos compreender a linguagem, como sugere Bakhtin “como uma expressão das relações das lutas sociais, veiculando e sofrendo os efeitos dessa luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material”. Bakhtin Mikhail, *Marxismo e filosofia da linguagem*, São Paulo, Hucitec, 1981, p. 17.

vida no sertão, mas as novas formas de relação bebem nesses resíduos da vida antes da cidade. O novo surge em diálogo com o antigo. Ou, como melhor infere Raymond Williams:

O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente. Assim, certas experiências, significados e valores que não se podem expressar, ou verificar substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base do resíduo...⁴

Mas não só os nomes surgem com uma certa precisão: também meses e dias são integrados constantemente à narrativa. Esses elementos tecem uma idéia mais visível diante das lembranças distantes. Além disso, a construção de determinados recursos no texto oral tenta dar uma certa ordem à confusão das imagens pretéritas que se formam no presente. Entretanto, tais recursos não são aleatórios, sugerem eventos que organizam a vida cultural do sertanejo. Muitas vezes, quando as lembranças começam a se desordenar, quando o narrador se sente atrapalhado por suas memórias, recorre a uma data importante para reorganizar a narrativa. Os eixos narrativos constituem-se como fortes elementos da cultura do depoente. Ou seja, diante da oralidade, na forma como ela se constitui pelo narrador, é possível capturar o quanto essa linguagem também é constituinte do sujeito e desse modo tentamos perscrutar, nessas falas, a experiência cultural e histórica desses locutores que estão, nesta proposta, construindo suas memórias da seca no Ceará.

Nesse sentido, quase todos os episódios têm sua origem no dia de São José, o santo padroeiro do Ceará. Essa data coloca-se como definitiva para saber se haverá ou não um bom inverno. Quando D. Cezita começou seu depoimento, o mês de maio apresentou-se como o momento em que sua família foi expulsa da fazenda, mas quando a narrativa se divide, no momento em que ela deixa a sua família e suas lembranças percorrem o caminho que fez sozinha, há um recomeço que busca fundação no dia de São José. Assim, sua chegada na casa de seu Zé Nobre ocorre no dia 19 de março, dia do santo. O dia de São José apresenta-se como um mito de origem nas memórias da

4 Raymond Williams, *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

seca. Raramente, um depoimento inicia-se em janeiro ou fevereiro, é sempre março, o mês de partida das narrativas. O dia de São José marca o início de quase todos os episódios da seca na memória dos sujeitos que a viveram.

Para D. Cezita, bem como para a maioria dos sertanejos, a esperança de um bom inverno resiste até essa data; se não chover nesse dia, as estradas começam a se povoar de famílias que se deslocam de um lugar a outro procurando saídas para sobreviver ao flagelo. É também nesse dia que os fazendeiros dispensam seus empregados para procurarem novos serviços. Nos momentos de estiagem, no Ceará, o dia de São José cria uma certa ordem na relação com a seca. Há toda uma ordenação cotidiana (seja dos agricultores, fazendeiros ou do governo) que se conforma em torno dessa data. Assim, também nos depoimentos orais, esse dia surge construindo determinada disposição de sentidos e fatos em torno das lembranças da seca e da vida. O dia de São José cria uma ordem para o entrecruzamento “caótico” em que as imagens e lembranças vão surgindo. Como já foi salientado, o dia de São José apresenta-se como um eixo narrativo das memórias da seca, ou seja, reorganiza essas lembranças sempre que o narrador julga necessário. Como ressalta Marina Maluf, à luz do estudo de Davi Arrigucci: “o trabalho de rememoração é um ato de intervenção no caos das imagens guardadas. É também uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido do passado...”⁵.

Vale salientar que outras festas também surgem como tentativas de dispor em uma certa seqüência os fatos narrados. A citação dos meses ou dias apóia-se em pontos mais ou menos fixos pela importância dessas festas no calendário do sertanejo, geralmente são festejos do grupo. Continua D. Cezita:

Cheguei no seu Zé Nobre no dia de São José e fiquei lá até o fim do ano de 59. Teve a festa do Natal, depois do Ano Novo. Ai papai veio transferido para Ipueiras, veio em fevereiro, no carnaval, me lembro como hoje, na sexta-feira de carnaval. Tava um carnavalão na rua.

Em outro depoimento, o tempo da narrativa é mais detalhado. Quando pedi para Seu José Walmir contar as suas lembranças da seca de 1958, optou por narrar passo a passo somente um dia daquele difícil ano. No seu relato, profundamente episódico, o tempo da narrativa é o tempo das horas: “*Se arrumemo um dia de tarde, era mais ou menos seis hora da noite... Quando foi mais ou menos 12 horas da noite paremo pra*

5 M. Maluf, *Ruídos da memória*, São Paulo, Siciliano, 1995, p. 29.

comer... andemo, andemo, quando foi mais ou menos uma hora da madrugada bateu uma sede medonha...". Sua narrativa constrói uma espécie de romance carregado de detalhes.

Seu José era o contador de histórias da vizinhança onde morava, no interior do Ceará. Lembra que em noite de lua juntava os homens, as mulheres e as crianças para ouvir suas histórias e piadas. Era também considerado um grande caçador, e suas histórias baseavam-se principalmente nessas aventuras da madrugada. Também as histórias da seca, na sua lembrança, ocorreram antes do galo cantar.⁶

Além disso, seu José interage com uma temporalidade diferente daquela que ele e seus familiares vivenciavam naqueles tempos. Atualiza, portanto, a sua relação com a seca a partir de uma temporalidade concebida em horas. O tempo detalhado de seus episódios entrelaça-se com o tempo que ele vive no presente, em casa e sobretudo no trabalho. A marcação do relógio anuncia como se desenrolaram as aventuras daquele dia, do ano de 1958, em que ele e seus amigos aventuraram-se nas matas à procura de trabalho para não morrer na seca. Quando perguntei se alguém no grupo tinha relógio, ele me respondeu que não. Somente quando chegou a Fortaleza, no ano de 1970, veio adquirir o seu primeiro "oriento"⁷.

Pela íntima relação dos sertanejos com a natureza, é possível dizer mais ou menos a hora do dia pela posição do sol ou da lua (em noites que ela aparece), embora note-se que não há uma busca de precisão na dedução das horas. Entretanto, a vida de Seu José "na cidade grande" estabelece uma necessidade maior no detalhamento do movimento dos ponteiros. Além disso, sua experiência de contador de histórias cria um estilo que procura fazer o ouvinte partilhar com ele, o máximo possível, o episódio narrado:

viajemo perto de 36 quilômetro de pés. Andemo, andemo, andemo, quando foi uma hora da madrugada mais ou menos bateu uma sede medonha e cadê água, em canto nenhum tinha uma gota d'água, tudo seco, aí tinha umas casinha lá longe, fomo pra lá chegamo lá e pedimo água. O home já saiu morrendo de medo, aquela ruma de gente mete medo

6 Nesse sentido infere novamente Maluf: "o fato de o enunciador conhecer e descrever experiências particulares de tempos pretéritos a partir de uma perspectiva presente, que necessariamente diz respeito à sua própria imagem, leva o autor a elaborar estratégias verbais específicas – um estilo – para expressar a verdade sobre fatos e acontecimentos passados. Ele se apóia nessas fórmulas verbais para acomodar o passado, tanto para si quanto para o leitor, contendo assim a erupção desordenada do tempo privado". M. Maluf, op. cit., p. 29.

7 Termo que muitos cearenses utilizam para designar relógio de pulso. Refere-se a uma marca muito famosa nas décadas de 60 e 70.

em qualquer um. Ai saiu e foi logo dizendo: pelo amor de Deus minha gente, eu sou pobre, num tenho nada para dar a vocês. Não, mas a gente num quer assaltar não, a gente quer é água. Ai trouxe, nós bebemo e deixemo a lata seca. Deu aquela pena do pobe que ficou sem água. Ai nós demo um litro de farinha de duas rapadura. Era o que nós tinha. Ali, ele ficou super feliz foi logo chamando os filho pra comer aquilo ali.

Os “estilos” narrativos apresentados, não só por seu José mas por todos os depoentes, procuram construir meios para tentar emitir a sua mensagem ao interlocutor. Esse diálogo exige dos dois grande sintonia e sensibilidade, pois ambos interagem no texto que é produzido no momento mesmo da entrevista.⁸

A narrativa de Seu José, rica em detalhes, permite-nos penetrar em alguns elementos fortemente presentes na cultura do sertanejo. O primeiro deles, claramente expresso na história, é o medo que a multidão causa “em qualquer um”. O sertanejo reconhece a potência da multidão e em diversos momentos utiliza esse recurso para o ganho do que necessita. Mais uma vez, a tradição se apresenta como tática de ameaça dos pobres em face da desonra dos ricos. As relações de compadrio, em que empregados se tornam afilhados dos patrões, criam uma rede de lealdade e compromisso de ambas as partes. O patrão, pela sua condição de posses, tem obrigação de ajudar os desfavorecidos materialmente. Esses últimos devem, em troca, manter lealdade e obediência. Mas quando uma das partes rompe o pacto, forja-se uma certa legitimidade de ataque para com o outro desleal. No momento em que o grupo solicita do rico que ele cumpra o seu dever de ajudar os que necessitam e ele não o faz, a multidão ganha uma força tremendamente ameaçadora.

Em outro momento da entrevista, Seu José ressalta que grandes grupos vão até o prefeito ou outro poderoso da região para pedir ajuda. Inicialmente, reforça seu José, “*não tem a intenção de saquear nem quebrar nada, mas o rico tem que fazer a sua parte, a gente tá ali pra conversar, mas...*”. Dialogando com Thompson⁹, consideramos

8 Essas performances constituem a produção do diálogo entre pesquisador e depoente. Ou como define Zumthor: “A performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética (oral) é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário e circunstâncias (quer o texto por outra via, com a ajuda de meios lingüísticos, as represente ou não) se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis”. Por entender a oralidade do sertanejo como improvisação textual profundamente poética, tomamos emprestado o conceito de Zumthor, na medida em que nos ajuda a entender melhor o diálogo entre pesquisador e depoente no ato da entrevista. P. Zumthor, *Introdução à poesia oral*, São Paulo, Hucitec/Educ, 1997.

9 E. P. Thompson, *Tradição, revuelta e consciência de classe*, Barcelona, Crítica, 1989.

um equívoco falar dos saques durante as secas como atitudes espasmódicas do grupo em nome apenas da fome. Esses significados e valores fazem parte da tradição do grupo e são articulados de forma que os interesses em pauta sejam considerados e seus possíveis desdobramentos sejam legitimados com base nessa tradição. Na cidade, a “agressão” da multidão diante de suas reivindicações não atendidas articula esses valores com a “nova idéia” de que político nenhum “*presta*”. “*São todos ladrões*”, ressalta seu José. Este passa a ser o princípio básico da relação com os políticos. Em certo sentido, as atitudes “agressivas” da multidão ou mesmo a deslealdade de indivíduos “isolados” são aprioristicamente legitimadas.

Esse trecho da narrativa de seu José coloca-nos também diante da solidariedade entre os pobres: “*ele só tinha a água, nós só tinha aquela comida poquinha*”. Mas a troca foi realizada e todos foram saciados na medida do possível. É bastante comum, no sertão ou mesmo nas periferias da cidade, a prática da troca de comida. Muitas vezes um bolo que é feito por um morador é dividido por todos da rua. Ou quando algum morador adocece, os vizinhos trazem uma variedade de chás ou mesmo remédios que julgam servir para curar a doença ali apresentada.

Aliada a essa reflexão sobre a multidão à solidariedade, temos a marca da tremenda fome que imprimem as lembranças da seca. Na narrativa de seu José, lembra que o pai ficou super feliz e foi logo chamando os filhos para comer o que havia recebido dos retirantes em troca da água. Na oralidade, a fome aparece como o principal motivo para as “atrocidades” cometidas pelos retirantes no sertão ou na cidade. A tradição alia-se ao pragmático e define certas estratégias de enfrentamento da condição miserável em que vivem. É significativa a imagem que seu José coloca diante de nós: a fome que mata e que, em certa medida, conduz parte dos repertórios culturais e históricos dessas pessoas. Alguns indivíduos, indignados, transformam-se em lideranças e tentam organizar o grupo, outros transformam a fome em um forte argumento da submissão e resignação para todo o sempre. Amém.

* * *

A seca apresenta-se como um marco na memória dos sertanejos. Em muitos momentos o depoente deixa claro que a seca pode significar inumeráveis acontecimentos, além da falta de chuva. Ou, melhor, pode ganhar significados múltiplos. A construção de memórias da seca transita por caminhos diversos e muito específicos. Quando me contam suas lembranças das estiagens, estão falando da vida nas suas mais entrelaçadas

conexões temporais. Há um diálogo em constante movimento, sendo impossível estabelecer conceitos ou categorias fechadas. As imagens clássicas da seca vão sendo lentamente abandonadas para dar lugar a significações mais históricas, que expressam sentimentos, angústias, mágoas, conquistas e percepções próprias do depoente a partir da sua condição social e histórica. Desse modo, as narrativas apresentam marcas que de- põem sempre a favor dessa diversidade.

No início da entrevista, os depoentes não se deixam penetrar de forma mais intensa nas tramas subjetivas da sua memória. Nota-se uma certa desconfiança sobre o que deve ou não ser dito. Repetem imagens já consolidadas na mídia, na literatura, no cinema. As narrativas se confundem com as músicas de Luís Gonzaga, poemas da literatura de cordel e outros suportes, que definem de forma generalizante a vida e luta do sertanejo durante a seca: *“a seca é muito sofrer, muita fome e muita doença...”* diz D. Maria Jorge. *“Foi muita morte, muita doença, muito triste”*, comenta D. Perpétua, *“nós só queria que chovesse pra poder voltar”*. Assim configuram-se os primeiros momentos da entrevista. Mas aos poucos a história da seca se mistura com a história de vida de cada um e ganha traços da diversidade de experiências dos depoentes.

Para D. Maria Jorge, a questão central de sua narrativa da seca é a luta por moradia. No dia da entrevista, antes de iniciarmos, D. Maria mostrava-se indignada, pois haviam passado pela rua, naquele dia, medidores da prefeitura que ameaçavam mais uma vez o despejo dos moradores da Favela do Trilho:

desde de que cheguei aqui no 58, já me mudei umas oito vez. A gente arrumava a casa e chegava o dono do terreno. Nós fazia as parede da casa. A primeira ficou ótima. Igual a do interior. Toda bem rebocadinha, toda bonitinha. Três compartimentos. era linda a casa. Aí quando dá-se fé aparece o dono do terreno e tira nós... E aqui. nessa casa. eu tô desde do 64. Desde desse dia que tem essa conversa, que vão tirar a gente. Me perguntaram: pra que tu comprou essa casa. se isso aqui vai sair? Desde 64 que dizem que vai sair e até hoje. Se me indenizarem com um dinheiro que dá pra comprar uma casa? Só num quero ficar é no meio da rua.

A luta pela terra no sertão transforma-se em luta por moradia na cidade. D. Maria já abre sua narrativa falando da indignação que tinha com o dono da cacimba (poço) quando morava no sertão. Conta que era uma das únicas pessoas que enfrentavam *“o velho nojento que queria mandar em todo mundo por causa da cacimba”*. D. Maria rastreia sua formação de lutadora e liderança muito antes de chegar na cidade. A própria estrutura familiar que D. Maria desenha foge aos papéis assumidos pelas mulheres e

pelos homens, sobretudo no sertão. Afirma que ela tomou a decisão de vir para Fortaleza, o marido apenas a acompanhou e ainda veio meio a contragosto. Na capital, ela continuou a exercer essa posição meio vanguardista, diante de novos desafios.

Nos períodos de grande seca, muitos sertanejos migram para Fortaleza. Na seca de 1932, o processo de favelização teve um significativo crescimento na cidade¹⁰. Os grupos que chegavam ficavam próximos da praia. Ainda hoje existem grandes favelas nas faixas marítimas. Mas a favela do Trilho, lugar onde mora D. Maria, é uma das maiores de Fortaleza e constituiu-se a partir da seca de 1958. Impedidos de ficarem às margens da praia, como ocorreu em 1932, os retirantes de 58 fizeram suas casas a poucos metros da linha do trem. Com isso, D. Maria comenta: *“ninguém vai tirar nós daqui não, rico nenhum agüenta a zoada (barulho) do trem”*. A interminável história de deslocamentos faz com que esses indivíduos criem estratégias para possibilitar uma certa fixação em moradias. Nesse caso, construíram suas casas em um lugar onde são menos incomodados pelas imobiliárias. Sabem que os moradores das favelas próximas das praias sofrem uma pressão maior.

Dona Maria vivencia o problema da moradia de forma intensa. Suas lembranças solicitavam do passado fragmentos que a ajudassem a expressar toda sua indignação diante do problema da moradia. Mas essa indignação era apresentada não só pelas palavras. Todo o seu corpo, seus gestos, sua história de vida ajudaram-me a interpretar seu enunciado que é sempre infinitamente maior do que o mundo das palavras. Tão grande é a tecitura do enunciado que jamais conseguimos capturá-lo plenamente. O sujeito é muito maior que um conjunto de signos.

Quando falava da possibilidade de perder a casa, D. Maria alterava sua voz como se quisesse agredir alguém. Suas palavras dirigiam-se não somente a mim, mas ao governo e às imobiliárias. Colocava-se como uma louca, o que dizia verbalmente: *“eu sou uma louca, eu sou uma doida, e num me arrependo de ter vindo morar em Fortaleza...”*. Apesar de única ouvinte, a força das palavras de D. Maria queriam transpor as paredes da sua casa. Sua mensagem deveria chegar aos que a incomodavam. Todas essas narrativas são tecidas por linhas que cruzam diversos momentos da vida dessas pessoas. A seca surge à sombra de uma outra temática que traz a intensidade do momento presente no entrelaçamento com aquilo que é trazido pela memória do passado.

Os “trabalhos da memória” reativam e intensificam o olhar sobre o presente. Assim,

10 S. Borzachiolo, *Os incomodados não se retiram*. Fortaleza, Editora UFC, 1992.

é relacionando o passado ao presente que lembranças se tornam importantes para todos nós. A imagem lembrada é combinada com um momento presente possibilitando um exame do mesmo objeto, explica Shattuck: assim como nossos olhos, nossas lembranças devem ver em dobro; essas duas imagens então convergem em nossa mente em uma única realidade intensificada... A função fundamental da memória, por conseguinte, não é preservar o passado mas sim adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente.¹¹

A miséria do presente, algumas vezes, é também aliviada por uma imagem do passado anterior à seca, bem melhor do que hoje. Assim como a casa de D. Maria, que antes da seca “*era boa, grande, toda rebocada, toda pintada...*”, também D. Perpétua tinha um grande sítio cheio de animais: “*lá nós criava de tudo. Nós tinha gado, nós tinha animal, nós tinha galinha, nós vivia muito bem ali*”. Lembra que um dia já teve muita fartura na sua casa. Mas a seca destruiu tudo, roubaram tudo, por isso hoje me recebe numa casa tão modesta.

A memória, ao ser narrada, tenta organizar não só as imagens do passado, mas também a vida. É uma atribuição de sentidos para o momento atual do narrador. D. Perpétua construiu, não só para o ouvinte, mas também para si, explicações para sua condição de pobreza, para a existência de ricos e pobres, etc. No afloramento de certas indignações, a lembrança se coloca como uma tentativa de perceber no passado a vivência de algo mais digno do que aquilo que se experimenta no tempo presente. Essas ligações (re)criam o passado e redimensionam o que foi vivido outrora. “Acima de tudo, a memória transforma o passado vivido naquilo que posteriormente pensamos que ele deveria ter sido, eliminando cenas indesejáveis e privilegiando as desejáveis”¹². É possível vislumbrar as utopias dos depoentes a partir desses “devaneios” sobre o passado. Na urdidura desses tempos, o sertanejo vai compondo a música do seu cotidiano que é certamente polifônica e nem sempre fácil de ser ouvida.

Toda a linguagem utilizada nesses enunciados tenta “organizar” a vida que está sendo narrada. “O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem”¹³. Ou, como sugere Heidegger, “a linguagem possibilita a construção de um conhecimento sobre o ser, mas é sempre um conhecimento parcial”¹⁴.

11 D. Lowenthal, Como conhecer o passado, *Projeto História* n. 17, novembro/98, São Paulo, Educ, 1998.

12 Idem, *ibidem*.

13 E. Bosi, *Memória e sociedade. Lembrança de velhos*, São Paulo, T. A. Queiroz, 1983.

14 Apud. M. O. Silva Dias, Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea, *Projeto História* n. 17, novembro, 1998.

Falamos de memórias orais e, nesse sentido, há uma certa inquietação diante da vocalidade dos narradores. A entonação, os gestos, a intensidade de uma frase ou outra colocada no meio do texto. Há um conjunto de sentidos aos quais somente a voz, com suas arbitrariedades, consegue dar vida. Em certo sentido, a voz se emancipa do mundo sistematizado dos sinais, ela evoca um indizível pelo dito. Ou melhor, a fala só possibilita interpretações sobre a cultura do depoente se for entendida como aquilo que dá vida aos signos, atribuindo-lhes infinitos significados enraizados sempre na experiência histórica do narrador. Como destaca Bakhtin:

... a forma lingüística é sempre percebida como um signo mutável. A entonação, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação determinada, afetam a significação. O valor novo do signo, relativamente a um tema sempre novo, é a única realidade para o locutor-ouvinte.

Contudo, nosso desafio como pesquisadores é trazer esses diferentes sons para o mundo das palavras. Certamente, não é uma tarefa fácil. Não há como resgatar o sentimento exato do outro na voz. Também a minha relação com a oralidade vai ajudar a compor a compreensão desses diferentes sons e relações sociais vividas. “Minha própria voz importa aqui, e o sentimento que tenho dela; importa ao que posso dizer dessa outra voz”¹⁵. O processo compreensivo nunca é uma reprodução do compreendido, é sempre uma criação.

Há, portanto, uma intervenção marcante do historiador na construção e interpretação dessas lembranças. Não se trata de memórias absolutamente espontâneas. A sugestão de fazer o depoente percorrer as reminiscências da seca é colocada por mim. É certo que a forma como ele percorre esse caminho lhe é muito própria e é justamente a forma como esse percurso se produz que eu tento compreender. Ou seja, quais dinâmicas culturais, que são também históricas, expressam-se nessas narrativas pela forma em que elas se apresentam.

Partilho, com Calvino (na epígrafe), sua angústia ao perceber o cativeiro do mundo escrito em que se encontra; não obstante, partilho também seu consolo: ter consciência das limitações do seu mundo e saber que este é o único lugar de onde se pode partir, ainda que para superá-lo.

15 G. Gadamer, *Verdade e método*, Petrópolis, Vozes, 1997, p. 443.